

## ARTE GREGA CLÁSSICA E ARTE MODERNA: ASPECTOS AXIOLÓGICOS EM O MINOTAURO

**Valter Cesar Pinheiro**  
**Doutorando ( USP )**

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é demonstrar como Monteiro Lobato, em *O Minotauro*, expressa seu ponto de vista sobre a arte moderna por intermédio de Dona Benta. Para tanto, confrontam-se algumas passagens do romance com excertos de *Ideias de Jeca Tatu*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte moderna; Modernismo; Monteiro Lobato

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to demonstrate how Monteiro Lobato expresses his outlook on modern art through Dona Benta, a character from his novel, *O Minotauro (The Minotaur)*. The analysis examines excerpts from this novel in comparison with others from *Ideias de Jeca Tatu*.

**KEYWORDS:** Modern art; Modernism; Monteiro Lobato

Publicado em 1939 por Monteiro Lobato, **O Minotauro** é uma obra considerada didática pela crítica (assim como **Os doze trabalhos de Hércules** e **O poço do Visconde**), pois interpola noções de história e cultura clássicas com as aventuras vividas pelas personagens do Sítio do Picapau Amarelo.

Com o intuito de resgatar Tia Nastácia, que havia sido raptada no final de **O Picapau Amarelo**, todos os membros do Sítio vão à Grécia Antiga. Há, portanto, um deslocamento espacial (do Sítio do Picapau Amarelo para a Hélade) e temporal (do século XX, em que “vivem” as personagens da narrativa, para os séculos V a.C., “século de Péricles”, no qual ficam Dona Benta e Narizinho, e XV a.C., em plena Idade Heroica, no qual aportam Pedrinho, Emília e Visconde). Transportando a “sala de aula” do Sítio do Picapau Amarelo para Atenas, Dona Benta apresenta a seus netos as características da cultura helênica.

O objetivo deste texto é mostrar como Dona Benta, em **O Minotauro**, é o alter ego de Monteiro Lobato, servindo como veículo de expressão das opiniões do autor sobre a arte moderna (papel que, em outras obras, é desempenhado por Emília).

Passeando pela velha Atenas, as personagens do Sítio ficam deslumbradas com as construções arquitetônicas: a Ágora, o Partenon, os teatros a céu aberto, os palácios... Linhas sóbrias, cuidadosamente planejadas, que lhes provocam admiração, sobretudo quando comparadas às encontradas na profusão de formas e estilos da era moderna. As crianças observam que há traços dessa arquitetura nos prédios e monumentos das grandes cidades de seu tempo, ao que responde Dona Benta:

Por isso falam os sábios do “milagre grego”. Acham que aquilo foi um verdadeiro milagre de inteligência humana. Um foco de luz que nasceu na Antiguidade e até hoje nos ilumina. A arte grega, por exemplo: não há nas nossas cidades fachadas de prédios que não tenham formas, ou enfeites, inventados pelos gregos. Os mais lindos monumentos das capitais modernas são gregos, ou têm muito da Grécia. O monumento do Ipiranga, em São Paulo, é grego dos pés à cabeça. (LOBATO, 1968, p. 7.)

Segundo Dona Benta, traços fundamentais da arquitetura moderna provêm da tradição grega. Cita como exemplo o monumento do Ipiranga, em São Paulo. Ao fazê-lo, não explicita seu juízo de valor. Monteiro Lobato, contudo, opôs-se violentamente à execução do projeto de Ettore Ximenes. No artigo “Royal-street-flush arquitetônico” (**Ideias de Jeca Tatu**), acusou os promotores do concurso para a construção do monumento de terem cedido aos agrados do escultor italiano. Para ele, o responsável pela vitória de Ximenes, em detrimento de projetos mais belos, como os de Nicola Rollo e de Victor Brecheret, era Freitas Valle, o senador proprietário da Villa Kyrial. O projeto de Ximenes, “destituído de uma ideia central, diretora, que enfeix[asse] em harmonia de conjunto todas as partes, abunda[va], por isso, em detalhes vazios de significação” (LOBATO,

1951, p.176) e, portanto, não devia sua escolha a seus méritos estéticos. Afinal, “uma obra de arte não há de ter um detalhe que não concorra logicamente para o efeito geral” (LOBATO, 1951, p.183).

Quando se depara nas ruas com a população grega vestida com simplicidade e trajando apenas uma túnica, a avó comenta com Pedrinho e Narizinho:

Na verdade, só nesta Grécia as criaturas humanas acertaram com a arte de vestir. Usam roupas que não ofendem as formas do corpo humano, que não deformam grotescamente as linhas do nosso corpo. Quando fazemos desfilar as modas masculina e feminina, que vão desta Grécia até nós modernos, ficamos assombrados da imbecilidade e mau gosto dos que se afastaram dos gregos... As nossas grotescas modas modernas são coisas que nos fazem pensar pensamentos tristes, porque provam como vamos perdendo o senso de beleza. A feiura moderna é um caso sério... (LOBATO, 1968, p. 23.)

A referida “feiura moderna” é constantemente lembrada por Dona Benta em **O Minotauro** (e por Lobato em seus textos críticos e correspondências). A “fúria” do autor contra a arte moderna é destinada sobretudo à pintura. Ao contemplar as frisas do Partenon elaboradas por Fídias, a avó discute com Péricles a propósito da evolução da arte e diz:

Esta beleza [será] substituída por outra, isto é, pelo horrendo grotesco que para os meus modernos constituirá a última palavra da beleza... – e tirou da bolsa uma página de “arte moderna”, onde havia a reprodução dumas esculturas e pinturas cubistas e futuristas. (LOBATO, 1968, p. 46.)

A crítica feita por Lobato aos pintores modernistas alcançou repercussão por ocasião da publicação do artigo “A propósito da exposição Malfatti”, posteriormente incluído em **Ideias de Jeca Tatu** com o nome de *Paranoia ou mistificação?*. O texto inicia-se pela definição lobatiana dos dois tipos possíveis de artistas:

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados, para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres... A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza e a interpretam à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência; são frutos de fim de estação, bichados ao nascedouro. (LOBATO, 1951, p.59.)

No primeiro caso, entrariam Rembrandt, Rubens, Rafael, Rodin. E no segundo?

Lobato critica a “atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de “Picasso & Cia”, visto que “todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem nem da latitude nem do clima” (LOBATO, 1951, p.60). Para ele, a arte dita “moderna” não passa de um engodo, de uma farsa:

Futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de outros tantos ramos da arte caricatural. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma – mas caricatura que não visa, como a verdadeira,

ressaltar uma ideia, mas sim desnortear, aparvalhar, atordoar a ingenuidade do espectador. (LOBATO, 1951, p.61.)

“arte moderna”: eis o escudo, a suprema justificação de qualquer borracheira. (LOBATO, 1951, p. 62.)

Essa opinião, manifestada por Dona Benta, é compartilhada pelo estrategista Péricles e pelo escultor Fídias, fato que lhe impinge maior autoridade.

Assim como a arquitetura, a moda, a pintura e a escultura, também a dança foi alvo de comentários. Desta vez, Pedrinho e Emília presenciam a dança grega nos moldes mais clássicos, encenada pelas ninfas em seu habitat natural. O garoto então observa:

Isto é que é dança! Aqueles moços e moças lá no mundo moderno, que suam nos salões atacadados uns com os outros nas tais valsas e fox-trots deviam vir aprender com as ninfas o que é a verdadeira dança. (LOBATO, 1968, p. 175.)

A palavra “verdadeiro” é constantemente empregada por Lobato para reforçar a ideia de que tudo o que se opõe a ela não é clássico, é grotesco e horrendo, ou seja, é “moderno”.

No final da aventura, Dona Benta é convidada por Péricles e Sófocles para assistir à encenação da tragédia **Alceste**, de Eurípedes, espetáculo belíssimo que provoca a catarse em milhares de pessoas. Entusiasmada, comenta com Sófocles enquanto saem do teatro:

Este drama me fez compreender muita coisa, e sobretudo o que para um povo inteligente significa uma “arte geral”. Uma arte que interesse a todos da cidade, absolutamente a todos... Isto, meu senhor, é o que nos falta no mundo moderno, esta absoluta identidade entre o sentimento do povo e a arte. A arte lá é uma coisa para os eleitos, para as chamadas elites; aqui é para todos sem a menor exceção – para os ricos e pobres. (LOBATO, 1968, p. 238.)

Essa “arte geral” opõe-se, no conceito lobatiano, à “arte moderna”, que não é aceita nem compreendida pela maioria do povo de nossa época, e que, portanto, não expressa sua realidade, não é representativa de seu meio.

Ao mesmo tempo em que diverte seus leitores, Monteiro Lobato, em **O Minotauro**, manifesta indignação em relação aos movimentos modernos na voz da personagem que detém mais autoridade: Dona Benta, a sábia avó do Sítio do Picapau Amarelo. Foi a fórmula que encontrou para aumentar o poder de persuasão desses conceitos comparativos, uma vez que não são impostos, mas apresentados de forma pedagógica: Dona Benta vale-se do procedimento dialógico de Platão e do método peripatético de Aristóteles para não passar por “dona do saber” (como os artistas modernos que, segundo Lobato, se consideram os detentores do bom gosto e do valor estético). Nada mais conveniente, portanto, do que se valer dos conceitos dos clássicos utilizando-os *in loco*. Pode-se lamentar, contudo, o fato de, nesse retorno à Grécia Antiga, o autor não ter dado voz aos artistas modernos, não lhes concedendo o *droit de cité*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, B. V. de. **A literatura infantil**. Visão histórica e crítica. 6. ed. São Paulo: Global Universitária, 1989.

CONTE, A. **Monteiro Lobato: o homem e a obra**. São Paulo: Brasiliense, 1948.

KHÉDE, S. S. (Org.). **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Um Brasil para crianças**. 2. ed. São Paulo: Global Universitária, 1986.

\_\_\_\_\_. **Literatura infantil brasileira. História & histórias**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

MONTEIRO LOBATO, J. B. **O Minotauro**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968. (Coleção Obras Completas de Monteiro Lobato).

\_\_\_\_\_. **Ideias de Jeca Tatu**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951. (Coleção Obras Completas de Monteiro Lobato).